

História brasileira recente no romance Pessach, A Travessia

Abilio Pachêco de SOUZA¹

Resumo: Neste texto, temos como ponto de partida a importância de obras literárias para estudo de história, em particular o estudo da ditadura militar no Brasil. O foco principal é a análise do romance de Carlos Heitor Cony, *Pessach, a travessia* (1967), com base nos conceitos de literatura de testemunho (SELIGMANN-SILVA, 2003) e narrativa de resistência (BOSI, 2002). O estudo procura centralizar a análise no protagonista, que é também o narrador do romance, no estudo realizado por Marina Ruivo. O artigo encerra refletindo sobre a importância do debate incorporado no romance sobre a produção de romances durante o período de exceção.

Palavras-chave: literatura de testemunho, narrativa de resistência, Carlos Heitor Cony.

Introdução

A História e o ensino de História já há algum tempo - especialmente a partir da Nova História – tem utilizado das mais variadas fontes para compreensão da matéria histórica. Uma ferramenta imprescindível para este trabalho tem sido a utilização de obras de arte, em geral, e da literatura, em particular, em seus mais variados gêneros. Para o período mais recente da história brasileira ou, mais especificamente, quando o período demarcado é referente à ditadura civil-militar de 1964, predominam as letras de canção, charges, indicações de filmes bem como a produção literária denominada “poesia marginal”.

Somente mais recentemente a produção narrativa tem tido destaque como objeto de análise, especialmente romances publicados nos dois últimos decênios. Podemos dizer que quase houve um boom do romance nesta ditadura com destaque no enredo. Além desta produção mais recente, existe ainda uma vasta produção literária narrativa (contos e romances) sobre a ditadura militar que foram escritos e publicados durante a vigência do regime. Essa produção numerosa valeu, nos estudos literários, a epígrafe de “década do conto” para os anos 70. No que se refere ao romance, um levantamento realizado para a minha pesquisa de doutorado cataloga mais de 200 títulos no período e sobre o período.

¹ Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP, estágio sanduíche na Universidade Livre de Berlin). É líder do grupo de Pesquisa LAERTE (Laboratório de Estudos de Resistência e Teoria do Testemunho). É professor na Faculdade de Estudos da Linguagem e no Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET), da Universidade Federal do Sul e Sudeste Paraense (UNIFESSPA). Endereço eletrônico: professor@abiliopacheco.com.br; Orcid <http://orcid.org/0000-0001-6809-4865>.

Nas últimas décadas, os estudos literários têm-se dedicado bastante a essa produção. Apesar disso, ainda existe uma zona nebulosa: uma quantidade significativa de romances ainda por serem estudados. Mesmo romances como é o caso de *Chibé*, de Raimundo Holanda Guimarães, publicado em Castanhal (1964), cuja tiragem constou de poucos exemplares e que foi objeto de tese de Doutorado de José Victor Neto, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, merecem um estudo aprofundado. Se não teve uma circulação social ampla, ele é – e isso é importante destacar – um testemunho de seu tempo e em seu lugar específico de produção e de cenário.

Esses romances, além de representarem um documento importante para a compreensão do período, conjuntamente cooperam para políticas de memória relacionadas à verdade histórica e ampla do período da ditadura militar no Brasil.

Neste trabalho, entretanto, escolhemos nos deter apenas no debate sobre a participação político-ideológica de engajamento do protagonista do romance *Pessach, A travessia*, de Carlos Heitor Cony (1967 – ano de sua primeira edição).

Literatura de testemunho e narrativa de resistência

O debate acerca da memória política, por meio de textos narrativos literários, repousa sua reflexão teórica a partir das mudanças de paradigmas impostos pela produção e circulação de obras literárias narrativas de caráter testemunhal relacionadas à Segunda Guerra Mundial e que tematizavam, principalmente: o massacre aos judeus e a outros povos, o encarceramento nos campos de concentração e a clausura clandestina, só para citarmos alguns desses temas. O diário de Anne Frank e os romances de Primo Levy (sobretudo *É isto um homem?*) nos apresentam as reflexões de suas experiências enquanto judeus no contexto político de exceção (BOSI, 2002).

É a partir da leitura teórica e acadêmica desses textos que a literatura passa a ser entendida, também, conforme o seu teor testemunhal. Seligmann-Silva (2005) destaca em *O local da diferença* e, principalmente, nos capítulos de *História, Memória e Literatura* que os textos literários apresentam um teor testemunhal que aflora através das experiências dos narradores frente às experiências na era das catástrofes. Segundo ele, o testemunho “é uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura [...] seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o ‘real’ (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 373).

Outro conceito relevante para o debate é o de literatura de resistência. O professor Alfredo Bosi (2002) afirma que as narrativas, predominantemente escritas sob regimes de exceção, apresentam-se como elementos de resistência aos regimes instalados na Europa, a saber, o Nazismo na Alemanha e o Fascismo na Itália e que, no Brasil, temos como exemplo de narrativa de resistência o livro *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, mas também nas muitas obras produzidas sob/sobre a ditadura do Estado Novo e sob/sobre o regime civil-militar de 1964. É importante delimitar que Bosi compreende o conceito originariamente ético de resistência como passível de ser transplantado para o campo da estética, e que, na ficção esse traslado conceitual é possível, sobretudo quando o narrador do romance “se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores” (BOSI, 2002, p. 120).

Essas duas perspectivas somadas são relevantes para a compreensão das obras produzidas no Brasil durante a ditadura civil-militar, especialmente tematizando, refletindo e criticando o regime instaurado no Brasil desde 1964. Cabe-nos observar como recorte necessário para esta comunicação um aspecto temático que nos interessa particularmente: a reflexão sobre a escrita do romance em momento de exceção e sobre o papel do escritor-intelectual em tal contexto.

A partir de pesquisa realizada com bolsistas no Campus de Bragança, entre 2011 e 2013, pudemos observar que boa parte das narrativas publicadas durante a ditadura no Brasil, apresentavam uma quantidade significativa de romances cujos protagonistas são intelectuais escritores. Essa recorrência interessa-nos, particularmente, e é um dos aspectos do trabalho de doutorado que esteve nas minhas reflexões ao iniciar meu doutorado no Departamento de História e Teoria Literária na Unicamp, sob orientação do professor Márcio Seligmann-Silva.

Vale notar que cerca de um terço dos romances aqui demarcados apresentam essa reflexão problematizando a escrita literária romanesca em um contexto de ditadura militar, violência institucional e cerceamento de direitos humanos. O resultado desse debate são romances dentro de romances, romances que versam sobre romances que não chegam a ser concluídos, sobre romances perdidos, confiscados por autoridades, desfolhados nas ruas e irrecuperáveis. Há, também, o debate sobre o romance ideal (reflexo de sua geração), a busca por um motivo para a escrita etc.

A presença do escritor como protagonista não se trata apenas de um mero recurso estético-retórico, mas ressalta a literatura como um produto histórico, fruto da vivência e da reflexão dos autores como sujeitos históricos com percepções críticas acerca da realidade

social. Nossa proposta neste texto, é destacar esse espelhamento que existe entre a narrativa – e nem dizemos ficção – e a realidade histórico-social pós-64.

O romance *Pessach, A travessia*

O romance *Pessach, A travessia*, de Carlos Heitor Cony, juntamente com o romance *Quarup*, de Antonio Callado, e o filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, representam em conjunto os primeiros trabalhos estéticos de relevância a questionar a primeira fase da ditadura militar (pré-AI-5). Cada um ao seu modo questiona, também, o papel do intelectual e a possibilidade de engajamento na luta armada. Os três autores estavam em fase de produção de seus trabalhos quando, em novembro de 1965, foram presos por conta de uma manifestação que faziam – junto com outros 5 intelectuais – em frente ao Hotel Glória no Rio de Janeiro. O episódio que se notabilizou como “Oito do Glória” resultou na prisão dos autores que, no cárcere, tiveram a oportunidade de trocar ideias sobre o que cada um deles estava escrevendo (KUSHNIR, 2000, p. 97). O clima de época era capturado de forma muito semelhante pelos três. Entretanto, optamos por nos ater ao romance de Carlos Heitor Cony.

O romance *Pessach, a travessia*, oitavo romance de Cony, tem ele mesmo uma história de recepção complicada. Quando seu autor escreveu, todos esperavam dele algo mais engajado e combativo contra o regime, devido às crônicas que ele escrevia para o jornal *Correio da Manhã* e que serviam de alento para aqueles contrários ao golpe, mas que não tinham coragem, possibilidade ou espaço em um jornal de circulação para publicar suas opiniões. As crônicas tiveram tanto sucesso que, em julho de 1964, foram reunidas e publicadas no livro de crônicas intitulado *O ato e o fato*. Mais de 1500 exemplares foram vendidos apenas na noite de autógrafos (GASPARI, 2002, p. 143). Cony, entretanto, não tinha alinhamento político de esquerda (nem de direita), sentia as injustiças e escrevia conforme desejava. Mesmo que parte dessas crônicas denunciasses crimes cometidos pelo regime recém instalado, graves violações de direitos humanos e mesmo o desaparecimento de pessoas, Cony não tinha necessariamente uma bandeira. A publicação do romance foi um banho de água fria nas pessoas que esperavam dele uma obra de denúncia.

O romance apresenta-se dividido em duas partes: “Pessach” (A passagem por cima) e “A travessia”. A primeira parte (até a página 120) narra as ações praticadas pelo protagonista Paulo em um único dia – o dia de seu aniversário de 40 anos. Paulo é um escritor profissional – ou seja, que vive da publicação de seus romances e crônicas para jornal – que já tem uma

obra consolidada de romances existenciais em linhagem sartreana, mas que não escreveu ainda o romance que gostaria. Vive uma vida, para a mentalidade da esquerda da época, acomodada, alienada e pequeno-burguesa. É separado, mora sozinho, a única filha vive em um colégio interno, a ex-mulher não o perturba sequer com a exigência de pensão, tem uma amante que o visita regularmente. Publica, de quando em quando, um romance e cumpre encomendas que o editor lhe fizer sem a menor dificuldade de inspiração. Ignora o que a crítica fala a seu respeito e se importa mesmo é se tem grana para viver, para ficar em paz, gastando o dinheiro recebido e para farrear com mulheres.

Na manhã de seu aniversário, recebe a visita de um amigo militante de esquerda que há anos não vira. O amigo Silvio juntamente com uma militante chamada Vera, vem lhe apresentar um convite que é, também, uma “oportunidade” de se recuperar como pessoa, pois como escritor, Paulo, na opinião de Silvio, já estaria perdido. Como Paulo é oficial da reserva – Cony também o era – e seu amigo tinha informações de seu excelente desempenho e habilidade com armas de fogo, o convite é para que ele participe da luta armada contra a ditadura militar. A recusa é evidente e contundente, mas é determinante para o desenvolvimento da segunda parte do romance. Após se desvencilhar do amigo e de sua camarada, Paulo cumpre todo o seu dia de aniversário de 40 anos vendo pessoas de sua estima – sua filha no convento, a ex-mulher, os pais idosos – e também passa na sede da editora para receber alguma encomenda e avisar que vai se ausentar uns meses para escrever um romance. Quando retorna à noite para casa, percebe que fora seguido o dia todo por Vera, que estivera se certificando se ele não iria denunciar Silvio e ela. Fim do primeiro dia. Fim da primeira parte.

A segunda parte inicia com Paulo encontrando Vera, a militante que o perseguira, escondida dentro de seu automóvel. Vera pede-lhe ajuda e o convence a levá-la para fora da cidade, pois as coisas haviam se complicado: uns desavisados haviam jogado uma bomba na embaixada americana. Depois que passam da barreira, Vera convence Paulo a ir mais adiante, a uma fazenda-acampamento do grupo perto de São Paulo e a 300 km do Rio de Janeiro, pois encontram no caminho um camarada ferido. Paulo aceita sob a condição de que iria apenas almoçar e ir embora, no entanto é retido na fazenda pois já sabe bastante. Lá permanece pelo menos por 5 dias. Não se queixa, pois pretende aproveitar o tempo de prisioneiro, escrevendo o romance que pretendia quando avisara na editora que iria se ausentar. Neste meio tempo, é-lhe apresentada a estrutura do acampamento, o local de treinamento, uma enfermaria improvisada etc. Ele, entretanto, não consegue escrever nada, pois termina se envolvendo nos

problemas do grupo, chegando a presenciar o estupro de Vera. Também se envolve em uma luta corporal com o estuprador que é assassinado pelo líder do grupo. Paulo também ajuda a enterrar o “companheiro” assassinado.

Dias depois quando está ‘libertado’ em São Paulo, onde deveria embarcar com Vera para Porto Alegre, ou apenas comprar as passagens para ela, caso desejasse abandonar a ‘missão’ que sequer assumira, Paulo resolve então embarcar para Porto Alegre de onde partiriam para se encontrar com o grupo mais avançado do movimento numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, quase fronteira com o Uruguai. Lá fica sabendo, por um dos líderes principais do movimento, sobre todo o resto do plano e decide participar da luta, num grupo que tomaria as cidades menores até as proximidades de Santa Vitória do Palmar. A ideia era tomar e resistir num pequeno triângulo no mapa do RS que fica entre o Uruguai e o Oceano Atlântico. Assim forçariam a ditadura a negociar e a devolver a democracia ao Brasil, mesmo que fosse para a direita. No caminho, o grupo formado por Paulo, Vera, Macedo – o líder da Fazenda – e mais dois gaúchos, descobre que o movimento fora traído. A luta passa a ser, então, pela sobrevivência com o objetivo de ultrapassar a fronteira com o Uruguai. Tendo os militares em seu encalço, todos os demais de seu pequeno grupo morrem. Paulo quando fica sozinho, já atravessando a fronteira e podendo fugir, resolve retornar, empunhar uma metralhadora e avançar. Fim do romance.

Marina Ruivo (2012), que fez um trabalho de fôlego sobre as obras de Cony publicadas até 1974, traça um perfil comum aos protagonistas de Cony. Segundo ela, o perfil de Paulo na primeira parte do romance se aproxima bastante do que ela chama de “seus antecessores” e que a segunda parte, “A travessia”, termina por representar uma ruptura com a produção literária anterior de seu autor. O que podemos perceber neste romance é que existe uma progressão ascendente de tomada de consciência do protagonista no decorrer da narrativa, muito embora ele não apresente aceitar totalmente a discussão da problemática social em detrimento da existencial. Por onde passa – principalmente na primeira parte do romance – todos o reconhecem como escritor e todos – com exceção de seus pais e sua ex-esposa – comentam algo sobre o caráter alienado de sua obra. Mesmo sua filha lhe diz que o acha “um bocado alienado” (CONY, 1975, p. 45). Também os personagens da segunda parte da obra, ou seja, os membros do movimento armado, julgam a mesma coisa, mas não pretendem recuperá-lo como escritor, e sim possibilitar que ele tenha um papel mais revolucionário engajado na luta armada.

A aparente conversão de Paulo é lenta, com ziguezagues e incerta. Embora a recepção inicial do romance tenha lido como uma adesão do protagonista à luta armada, cremos – assim como o faz Ruivo – que essa conversão não se apresenta de modo tão evidente no romance. Sobre seu trabalho de escritor, Paulo, mesmo estando confinado na fazenda, ainda insiste em escrever. Organiza onde colocar a máquina de datilografar. Lê um esboço de romance que recebera das mãos da ex-esposa e que pretende terminar. Planeja os pontos principais para o novo livro cujo título seria Pessach e seria o cruzamento do mito do Êxodo com a história de seu pai de modo que a história de um homem pudesse funcionar como catalisadora da história de muitos homens.

Entretanto, alguns fatos ocorrem para sua progressiva mudança de atitude. É possível perceber isso pelos vários momentos de reflexão e introspecção psicológica nesta segunda parte. Marina Ruivo (2012) indica como fator mais importante para sua conversão uma noite em que ele salva Vera de um estupro, parte para uma luta corporal com quem a estava violentando e é salvo da morte pelo líder do grupo da fazenda.

Por outro lado, creio que o momento mais relevante da narrativa em que Paulo toma ciência e, praticamente, a decisão de ingressar na luta armada, ocorre quando está em São Paulo indo para a filial da Editora tirar um vale de dois meses para viajar. Ele olha para as pessoas nas ruas e sente repugnância pelo que ele chama de “homens de testículos inteiros e passivos na rotina incolor, na cadeia imbecil de compromissos ridículos, mesquinhos” (CONY, 1975, p. 233). A referência aos testículos se deve ao fato de que alguns companheiros de luta, inclusive um dos líderes perderam os seus em sessões de tortura. Mais adiante, como numa epifania, ele se dá conta do quanto pode ou poderia ter colaborado para formatar pessoas assim. Vejamos: “gente com ideias assentadas e tranquilas nas cabeças penteadas e dignas é justamente a humanidade de meus romances, a humanidade contra a qual eu combatia, eu acusava e condenava. No entanto, sou cúmplice daquela humanidade, cúmplice e escravo ao mesmo tempo” (CONY, 1975, p. 234). Outro momento semelhante a esta tomada de consciência podemos notar no último capítulo quando Paulo novamente faz uma reflexão sobre si mesmo e sobre seus romances. Ao perceber que mudara, ele afirma que “agora fazia parte de um mundo que aceitava o pacto com a morte, com a aventura, com a glória, o mundo heroico a que eu sempre me recusara, que sempre negara aos meus romances e à minha vida” (CONY, 1975, p. 289).

Tal tomada de consciência reflete um testemunho sobre o seu tempo ou um testemunho sobre a alienação de seu papel de escritor e reproduzidor daquela

alienação/submissão, mas também parece ressoar a explicação de Alfredo Bosi sobre a resistência em arte, em poesia. De modo metafórico, Bosi afirma que “resistir é subsistir no eixo negativo que corre do passado para o presente, e é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro” (BOSI, 2000, p. 226) A arte, opera “uma ruptura com a percepção cega do presente” (BOSI, 2000, p. 226).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira pós-64, em geral, apresenta importantes reflexões sobre o período histórico. Neste texto, procuramos demonstrar como no romance *Pessach, A travessia*, de Carlos Heitor Cony, a reflexão sobre o fazer literário em choque com a possibilidade de engajamento confluem na figura do protagonista-escritor cuja conversão ou engajamento ocorre de modo gradativo no enredo do romance de modo a pôr em pauta problemas específicos da realidade histórica de sua época, sua vivência e sua percepção como sujeito histórico.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. In: Walter Benjamin - Obras escolhidas. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.
- BOSI, Alfredo. “Poesia Resistência”. In: BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo, Cultrix, 2000. pp. 139-192.
- BOSI, Alfredo. Narrativa de Resistência. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.
- CONY, Carlos Heitor. *Pessach, A travessia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.
- KUSHNIR, Beatriz. *Depor as armas – a travessia de Cony e a Censura no Partidão*. Anos 90, Porto Alegre, n. 13, julho de 2000.
- RUIVO, Marina Silva. “Uma certa maneira de desejar a liberdade”: *Caminhos da literatura de Carlos Heitor Cony no Pós-64*. Versão Corrigida. São Paulo: USP: 2012. (orientador: Prof. Dr. Flávio Wolf de Aguiar).

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Literatura e trauma: um novo paradigma". In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005. 63-80.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura*. Campinas: Unicamp, 2003.

Recent brazilian history in the romance Pessach, A Travessia

Abstract: In this text, we have as a starting point the importance of literary works for the study of history, in particular the study of the military dictatorship in Brazil. The main focus is the analysis of the novel by Carlos Heitor Cony, *Pessach, A Travessia* (1967), based on the concepts of testimonial literature (SELIGMANN-SILVA, 2003) and resistance narrative (BOSI, 2002). The study seeks to center the analysis on the protagonist, who is also the narrator of the novel, in the study carried out by Marina Ruivo. The article ends by reflecting on the importance of the debate incorporated in the novel about the production of novels during the period of exception.

Keywords: Testimonial literature; Resistance narrative; Carlos Heitor Cony.

<p>Recebido em 05 de janeiro de 2022 Aprovado em 23 março 2022 Publicado em 17 de fevereiro de 2023</p>
--